

SISTEMA DE ESPAÇOS LIVRES E FORMA URBANA NA ILHA DE VITÓRIA, ESPÍRITO SANTO, BRASIL

OPEN SPACE'S SYSTEM AND URBAN MORPHOLOGY IN VITORIA'S ISLAND, ESPÍRITO SANTO, BRASIL

Eneida Maria Souza Mendonça*

RESUMO

O debate apresentado neste artigo trata das relações entre o sistema de espaços livres e a forma urbana de Vitória, capital do Estado do Espírito Santo, no Sudeste brasileiro, no território específico referente à ilha. A decisão quanto à área de estudo tem como fator fundamental o fato desta ter abrigado a origem da ocupação do lugar, em meados do século XVI, por colonizadores portugueses, e, portanto, conter, desde então, sucessivas e diversificadas formas de ocupação. A metodologia adotada compreende, principalmente, o levantamento dos espaços livres públicos e privados por imagens de satélite, e, quando necessário, visitas de campo, e o estudo relacionado à evolução urbana. A pesquisa possibilitou a identificação de morfologias distintas, caracterizadas em função do processo histórico de ocupação urbana da área e sua relação com o sítio físico. Cabe ainda observar que o território insular, constituído originalmente por morros e estreita faixa de terra entre estes e o mar, identificado como porto seguro pelos colonizadores portugueses, só evoluiu para o atual centro metropolitano em função dos sucessivos aterros realizados ao longo do tempo.

Palavras-chave: Espaços livres. Forma urbana. Paisagem. Tipologia arquitetônica. Evolução urbana.

ABSTRACT

The argument presented in this article deals with the relationship between the open spaces system and the urban form of Vitoria, capital of Espírito Santo, in the southeast of Brazil, specifically the island's territory. The decision about the area of study has as its main feature the fact that the island has harbored the beginning, of the site occupation in the early XVI century by Portuguese settlers and since then has held successive and diversified forms of occupations. The methodology consists mainly of a survey of public and private open spaces through satellite images, and whenever necessary field trips, and also a study about urban evolution. The research allowed the identification of distinct morphologies, characterized in terms of the historical process of urban occupation of the area and its relation to the physical site. It should also be noted that the island territory, originally formed by hills and a narrow strip of land between these hills and the sea, identified as a safe haven by the Portuguese, only evolved into the current metropolitan center due to successive landfills done throughout time.

Keywords: Open spaces. Urban form. Landscape. Architectural typology. Urban evolution.

* Arquiteta pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre e doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP). Professora do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Centro de Artes – Departamento de Arquitetura e Urbanismo. Avenida Fernando Ferrari, 514, Campus Universitário de Goiabeiras, 29075-910, Vitória, ES, Brasil. eneidamendonca@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Os estudos acerca do sistema de espaços livres relacionado à forma urbana da cidade de Vitória, capital do Estado do Espírito Santo, no Sudeste brasileiro, fazem parte de ampla rede de pesquisa que reúne professores e pesquisadores de diversas instituições brasileiras. A rede conta com a coordenação geral do Laboratório Quadro do Paisagismo no Brasil (LABQUAPÁ), da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP), realizando atividades específicas por meio de núcleos regionais.

O desafio do Núcleo Vitória, exercido pelo Núcleo de Estudos de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito Santo (NAU/UFES), tem sido levantar, classificar e analisar os espaços livres da região de Vitória. Esta região abrange, além da capital, a conurbação urbana entre esta e os municípios imediatamente vizinhos – Serra, Cariacica e Vila Velha –, de modo a permitir a caracterização dos espaços livres a partir de ramais de integração e a percepção da condição sistêmica dos mesmos, independente dos limites administrativos (MENDONÇA et al., 2012).

O debate apresentado neste artigo avança nos estudos das relações entre o sistema de espaços livres e a forma urbana no território específico do município de Vitória referente à ilha, excluindo-se, portanto, sua porção continental, a nordeste (figura 1). Este recorte territorial e analítico tornou-se importante – tendo em vista a diversidade tipológica de espaços livres e de formas urbanas encontradas na classificação realizada na ilha de Vitória, em comparação à porção continental do município.

É também fator fundamental para alimentar o interesse específico pelo estudo da parte insular da capital o fato desta ter abrigado a origem da ocupação do lugar, em meados do século XVI, por colonizadores portugueses, e, portanto, conter desde então sucessivas e diversificadas formas de ocupação.

Busca-se, por fim, no estudo sobre a forma urbana relacionada aos espaços livres da ilha de Vitória, chamar atenção para o papel exercido pelo sítio físico da área analisada. Para tanto, considera-se relevante expor os procedimentos metodológicos desenvolvidos ao longo da pesquisa.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

A metodologia utilizada neste estudo correspondeu, inicialmente, ao levantamento dos espaços livres por meio de imagem de satélite, seguida de classificação segundo tipologia e função. O conceito de espaço livre é orientado pela definição construída por Magnoli (1982), que abrange todo o espaço sem construção, o que inclui, além de praças, parques e áreas de preservação ambiental, ruas e áreas remanescentes da ocupação do lote.

A classificação elaborada seguiu conceitos apresentados por Carneiro e Mesquita (2000) e Hijjoka et al. (2007). O levantamento dos espaços livres e a classificação mencionada foram realizados para o município de Vitória e a área conurbada ao seu redor, abrangendo parte dos municípios imediatamente vizinhos.



Figura 1 Imagem aérea de Vitória, Espírito Santo, Brasil, com destaque para a ilha.
Fonte: Foton-ES/CAR-UFES – 2000.



Mapa 1 Mapa de cheios e vazios da ilha de Vitória.
Fonte: Coelho (2009).

Em seguida, realizaram-se estudos relacionados ao levantamento e à classificação dos espaços livres privados. O levantamento teve, como base principal, imagens de fotografias a partir de sobrevoo da área. A classificação correspondeu ao percentual de área livre nos lotes, percebido a partir do exame das imagens mencionadas.

Visitas de campo permitiram relacionar o levantamento sobre os espaços livres privados e tipologias arquitetônicas, incluindo características sobre volumetria e forma de implantação no lote. Também auxiliaram este estudo, metodologicamente, o mapeamento do uso do solo e o mapeamento de cheios e vazios, conhecido por figura-fundo, em que o destaque é dado aos espaços construídos (mapa 1).

Considerações acerca dos espaços livres privados e da morfologia urbana da região de Vitória foram tratadas em Mendonça (2012) – não sendo necessário, portanto, retomar detalhadamente, aqui, a questão.

Considerando o importante papel do tempo na diferenciação dos processos de ocupação urbana, tendo em vista tratar-se de cidade com mais de quatro séculos de existência, a interpretação e a análise dos dados encontrados tiveram o apoio do conhecimento acerca da história e evolução urbana da região.

3 EVOLUÇÃO URBANA DE VITÓRIA, ESPÍRITO SANTO, BRASIL

Em brevíssimo panorama da história de ocupação de Vitória, pode-se destacar que sua ocupação inicial, em meados do século XVI, por colonizadores portugueses, correspondeu à decisão de proteger de ataques estrangeiros e de indígenas a sede da capitania do Espírito Santo, desde 1535 fixada em terras vizinhas.

A localização da nova sede, ao sul da ilha, encravada em uma baía, constituía-se na ocasião em fundamental proteção, visto que para ser atingida seria necessário que os invasores navegassem por estreito circuito marítimo, ladeado de fortes. No mapa 2, encontram-se demarcadas as duas sedes da capitania do Espírito Santo: a mais antiga, na entrada da baía, e a protegida, ao sul da ilha.

Até meados do século XVIII, a economia do lugar era relativamente promissora, estagnando-se a partir da saída dos jesuítas do Brasil (NOVAES, 1968; OLIVEIRA, 1975). O desenvolvimento econômico só foi retomado no Espírito Santo com a cultura cafeeira implantada por colonizadores, em sua maioria italianos e alemães, a partir da metade do século XIX (CAMPOS JÚNIOR, 1996).

A capital do Estado, Vitória, teve seu desenvolvimento urbano bastante limitado, desde o início de sua ocupação até o final do século XIX. A partir de então, já inserida no contexto republicano, iniciou a ocupação da área sudoeste e leste da ilha, recebendo, neste último sentido, projeto de enfoque higienista (mapa 3).

A consolidação da área sudoeste ocorreu na primeira metade do século XX; a da área leste realizou-se somente em meados do século XX (MENDONÇA et al. 2009). A ocupação da área continental, a nordeste da ilha, só se realizou na segunda metade do século XX, do mesmo modo que as ocupações oeste, noroeste, norte e nordeste



Mapa 2 Detalhe da Capitania do Espírito Santo – 1631.
Autor: João Teixeira Albernaz I.
Fonte: Biblioteca Itamaraty – Rio de Janeiro.



Mapa 3 Esboço da planta da ilha de Vitória – 1896.
Fonte: Brito (1944).

da ilha. A figura 2, ao apresentar uma foto aérea do município, datada de 1970, demonstra a incipiência da ocupação destas áreas nesta ocasião.

A figura 3 indica que, oito anos depois, as mesmas áreas se encontravam mais densamente ocupadas, bem como a área central da ilha. Nota-se, ainda, a articulação das ilhas ao leste da ilha de Vitória e o início do processo de ocupação das mesmas.

Do processo de ocupação apresentado, nota-se, em síntese, que o centro histórico situado ao sul da ilha de Vitória teve sua ocupação inicial e seu traçado urbano moldados ao relevo. A região leste, por sua vez, recebeu projeto sanitaria, com vias retas e largas. A região de manguezal – a oeste, noroeste, norte e nordeste –, bem como diversas áreas de morro na região central da ilha, receberam ocupação por invasão, resultando em bairros com ruas estreitas e articulação insatisfatória com bairros vizinhos, e, também, com a própria estrutura urbana da cidade.

Cabe, ainda, destacar o papel do sítio físico no processo e na forma de ocupação. Tratava-se da maior ilha de um arquipélago com dezenas de ilhas, medindo cerca de 80 hectares e encravada em uma baía. Seu relevo recebe o destaque de um maciço rochoso de aproximadamente 300 metros de altura, situado entre o centro e a borda oeste da ilha, acompanhando praticamente toda a extensão norte-sul, dividindo a estreita borda oeste da área mais ampla ao centro e ao leste da ilha, que conta com diversos morros de altura e dimensões menores.

Na falésia ao sul instalou-se, originalmente, a vila. A ilha, cercada de manguezais e áreas alagadiças, contava com planície seca e arenosa a leste. A urbanização deste território, que, atualmente, ultrapassa 90 hectares, viabilizou-se por meio de aterros e pela construção de pontes, favorecendo a relação metropolitana.

A estrutura do sítio físico da ilha de Vitória, a definição do traçado urbano em tempos distintos e, conseqüentemente, a diferença quanto à longevidade do processo de ocupação, contribuíram para a conformação de morfologias urbanas também diferenciadas.



Figura 2 Imagem aérea de Vitória, com destaque para a ilha de Vitória – 1970. Disponível em: <www.veracidade.com.br> Acesso em: 28 mai. 2013.



Figura 3 Imagem aérea de Vitória, com destaque para a ilha de Vitória – 1978. Disponível em: <www.veracidade.com.br> Acesso em: 29 mai. 2013.

4 FORMAS URBANAS NA ILHA DE VITÓRIA

A compreensão sobre a motivação dos diversos períodos de ocupação e de expansão urbana auxilia o entendimento da forma urbana constituída, permitindo distinguir cinco situações que podem ser identificadas como as mais características da ilha de Vitória (figura 4).

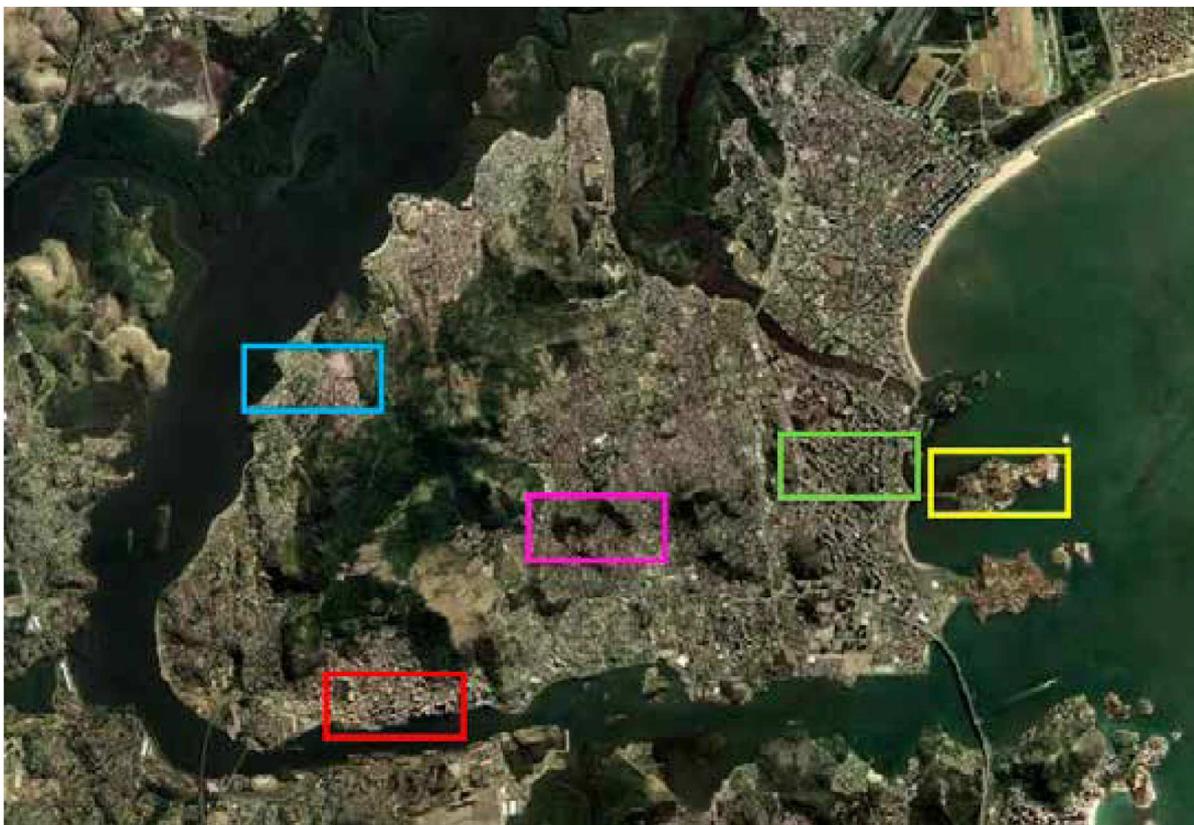


Figura 4 Imagem aérea de Vitória, com destaque para a ilha de Vitória – 2007. Disponível em: <www.veracidade.com.br>. Acesso em: 28 mai. 2013.

Assim, constatou-se que a **região ao sul da ilha** (figuras 4, 5 e 6) apresenta-se densamente ocupada, contando com edifícios comerciais, institucionais e residenciais de muitos pavimentos e abrangendo praticamente 100% da área do lote. Tem destaque, também, nesta região, a concentração de edificações institucionais que remetem ao período de colonização portuguesa – como as igrejas e o palácio do governo – e ao período inicial da república nos primeiros anos do século XX, como a catedral, o mercado e as escolas.

Esta situação mista em termos de forma de ocupação foi possibilitada pela articulação do traçado sinuoso na cidade alta, a partir da colonização portuguesa, com traçados retificadores, seja para novas áreas – ganhas a partir de aterro – seja para reestruturar parte das vias existentes.



Figura 5 Imagem aérea do sul da ilha de Vitória. Bairro: Centro.
Disponível em: <<https://maps.google.com.br/>>. Acesso em: 28 mai. 2013.



Figura 6 Imagem aérea com detalhe do sul da ilha de Vitória. Bairro: Centro.
Disponível em: <<https://maps.google.com.br/>>. Acesso em: 28 mai. 2013.

O estudo permite reconhecer ampla divergência entre a forma urbana resultante desta região ao sul da ilha de Vitória, atualmente reconhecida como o centro histórico da cidade, e sua **região leste**, (figuras 5, 7 e 8) planejada no fim do século XIX, como um subúrbio jardim (ANDRADE, 1992), atualmente abrigando população de alta renda. Esta região, com vias retas e largas, também conta com edifícios comerciais, institucionais e residenciais de muitos pavimentos, porém com forma de implantação no lote menos intensa do que no Centro, resultando em forma urbana distinta daquela região por conformar-se menos densa.



Figura 7 Imagem aérea do leste da ilha de Vitória. Bairro: Praia do Canto. Disponível em <<https://maps.google.com.br/>>. Acesso em: 28 mai. 2013.

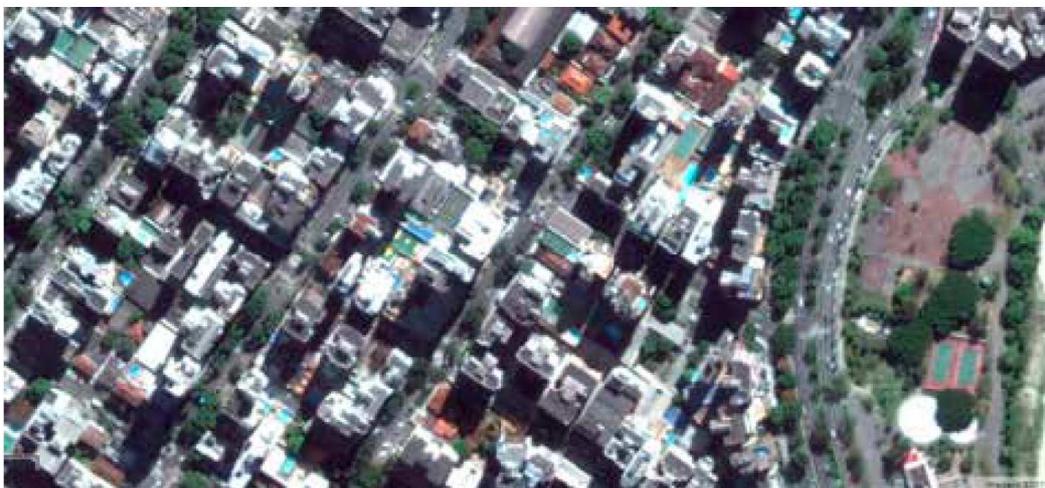


Figura 8 Imagem aérea com detalhe do leste da ilha de Vitória. Bairro: Praia do Canto. Disponível em: <<https://maps.google.com.br/>>. Acesso em: 28 mai. 2013.

A ocupação a **oeste, noroeste, norte e nordeste da ilha** (figuras 4, 9 e 10), do mesmo modo que a existente nos **morros localizados em praticamente toda a cidade**, diferencia-se das formas de ocupação do sul e do leste, já descritas.



Figura 9 Imagem aérea do noroeste da ilha de Vitória. Bairro: Grande Vitória. Disponível em: <<https://maps.google.com.br/>>. Acesso em: 28 mai. 2013.



Figura 10 Imagem aérea com detalhe do noroeste da ilha de Vitória. Bairro: Grande Vitória. Disponível em: <<https://maps.google.com.br/>>. Acesso em: 28 mai. 2013.

A oeste, noroeste, norte e nordeste, as ruas são mais estreitas; a ocupação apresenta-se intensamente adensada, porém com edificações e lotes de pequeno porte. Trata-se de autoconstrução, em geral realizada a partir de ocupação por invasão, abrigando população de baixa renda.

Cabe também mencionar a existência de edificações residenciais unifamiliares amplas, do mesmo modo que os lotes, porém mantendo também amplas áreas livres. Com traçado planejado, esta situação ocorre em morros e **ilhas articuladas à ilha de Vitória** (figuras 7, 11 e 12) e abriga população de renda elevada.



Figura 11 Imagem aérea de ilha articulada à ilha de Vitória. Bairro: Ilha do Frade. Disponível em <<https://maps.google.com.br/>>. Acesso em: 28 mai. 2013.



Figura 12 Imagem aérea com detalhe de ilha articulada à ilha de Vitória. Bairro: Ilha do Frade. Disponível em <<https://maps.google.com.br/>>. Acesso em: 28 mai. 2013.

Concluindo a caracterização das principais formas de ocupação urbana encontradas na ilha de Vitória, cabe mencionar um formato intermediário – em termos de dimensões de lotes e de espaços livres – se consideradas como extremos mínimos as situações expostas nas figuras 9 e 10, e como extremos máximos as situações expostas nas figuras 7, 8, 11 e 12. Oriunda de loteamentos, esta situação ocorre em áreas centrais da ilha de Vitória e em alguns morros (figuras 13 e 14), e abriga população de renda média.

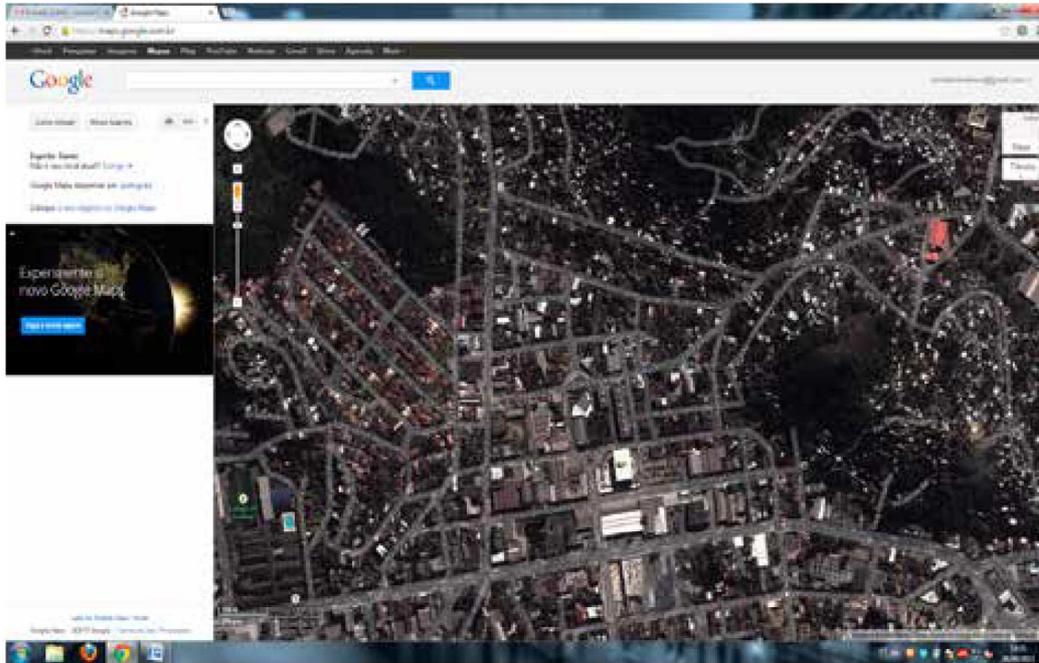


Figura 13 Imagem aérea de detalhe da área central da ilha de Vitória. Bairro de Lourdes. Disponível em: <<https://maps.google.com.br/>>. Acesso em: 6 set. 2013.

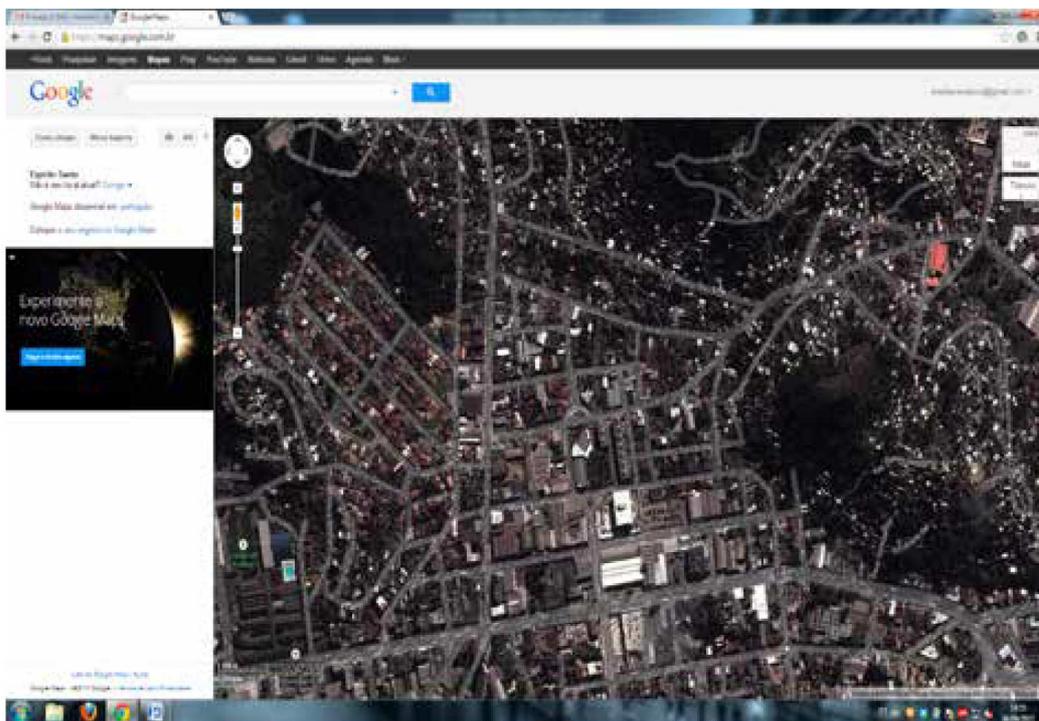


Figura 14 Imagem aérea de detalhe da área central da ilha de Vitória. Bairro de Lourdes. Disponível em: <<https://maps.google.com.br/>>. Acesso em: 6 set. 2013.

Diante do exposto, cabe ainda destacar que, além da característica do modelo construtivo associado ao processo de ocupação, também contribuem para diferenciar a forma urbana em cada parte da ilha de Vitória, as características e articulações entre o espaço construído, os espaços livres públicos e privados. Neste contexto, observa-se que as áreas sul e leste da ilha, além de concebidas com previsão de espaços livres públicos, receberam novos espaços desta natureza a partir de acréscimo de áreas por aterros.

As áreas oeste, noroeste, norte e nordeste da ilha, e os morros localizados praticamente em toda a cidade, não tiveram previsão de espaços livres públicos, pelo modo de ocupação predominante – invasão. Já as ilhas articuladas à ilha de Vitória, a leste, receberam no projeto a previsão de espaços públicos, como praça ou alameda.

Com relação às áreas centrais da ilha de Vitória e a certos morros, observou-se a presença de algum tipo de espaço livre público previsto no projeto original de loteamento, como praça, bem como a proximidade de áreas livres de interesse ambiental públicas ou privadas.

Nas três situações que caracterizam formas de ocupação correspondentes ao uso unifamiliar – seja com ocupação intensa em lotes pequenos, ocupação menos intensa em lotes amplos ou ocupação e tamanho de lote intermediário –, percebe-se gradativa ampliação da ocupação do lote ao longo do tempo, resultando em espaços livres privados cada vez mais reduzidos.

No contexto aqui caracterizado como situação intermediária, em termos de dimensões de lotes e de espaços livres, cabe destacar um potencial. Trata-se da presença, nas proximidades destes bairros, de áreas de interesse ambiental com potencial relevante para a integração dos sistemas de espaço livres a partir de ocupação coletiva. Por outro lado, a depender do contexto social ou da ausência de ação pública, alerta-se sobre o fato de este potencial não chegar a ser aproveitado, ou mesmo de ser anulado com apropriações indevidas.

Por fim, cabe indicar que a caracterização aqui apresentada sobre a forma urbana em Vitória, além de encontrar respaldo no transcorrer histórico de sua ocupação, encontra, também, referência no sítio físico de seu território insular, constituído originalmente por morros, estreita faixa de terra e manguezal entre estes e o mar.

Com relação ao contexto histórico, percebe-se a configuração da forma urbana, caracterizada pelas figuras 5 e 6, como a de ocupação mais remota, mesmo que apresentando dois formatos distintos: um oriundo do período colonial brasileiro e outro relacionado ao período republicano.

As figuras 7 e 8, caracterizando a ocupação da região leste, remetem à ocupação impulsionada por projeto sanitário – daí os lotes amplos, que no momento inicial abrigaram edificações em centro de terreno, dando oportunidade, atualmente, à ocupação mais intensa, com edificações de elevado porte.

Os loteamentos destinados à moradia da classe média, ou da classe alta, bem como as ocupações iniciadas a partir de invasões, remetem a momentos históricos mais recentes, situados na segunda metade do século XX, quando a cidade vivenciou

acelerado aumento da população em função da alteração da dinâmica econômica, que passou de agrícola à industrial.

Quanto aos aspectos relacionados ao sítio físico, percebe-se, como bem marcante, a ocupação em morros e ilhas com relevo acidentado, mas também em aterros com relevo plano, ocorrendo em todas estas situações ocupações planejadas ou não, correspondendo a espaços livres de diversas dimensões e diferentes qualificações.

Neste sentido, vale indicar que o porto seguro identificado em meados do século XVI só evoluiu para o atual centro metropolitano em função dos sucessivos aterros realizados ao longo do tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Carlos Roberto Monteiro de. **A peste e o plano**: o urbanismo sanitário do engenheiro Saturnino de Brito. 1992. 282 f. v. 1. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.
- BRITO, Francisco Saturnino de. Projetos e relatórios – saneamento de Vitória, Campinas, Petrópolis, Itacara, Paraíba (João Pessoa), Paraíba do Sul e Juiz de Fora. In: **Obras completas**, v. 5, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944, p. 148-149.
- CAMPOS JÚNIOR, Carlos Teixeira. **O novo arrabalde**. Vitória: Prefeitura Municipal de Vitória (PMV), Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, 1996. 250 p.
- CARNEIRO, A. R. Sá; MESQUITA, Liana de Barros. **Espaços livres do Recife**. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife e Universidade Federal de Pernambuco, 2000. 139 p.
- COELHO, Mabelly Brioschi. Espaços livres privados no município de Vitória – levantamento geral e classificação. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). **Relatório final**. Núcleo de Estudos de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito Santo (NAU/UFES), Vitória, 2009.
- HIJIOKA, Akemi et al. Espaços livres e espacialidades da esfera de vida pública: uma proposição conceitual para o estudo de sistemas de espaços livres urbanos no país. **Paisagem e Ambiente: ensaios**. Especial ENEPEA 2006. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, n° 27, 2007, p. 116-123.
- MAGNOLI, Miranda Martinelli. 1982. 116 f. **Espaços livres e urbanização**: uma introdução a aspectos da paisagem metropolitana. Tese (Livre-docência) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1982.
- MENDONÇA, Eneida Maria Souza. Morfologia urbana a partir de estudo sobre os espaços livres privados da região de Vitória, Espírito Santo, Brasil. In: **Actas da Conferência Internacional PNUM 2012**. Lisboa: ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, 2012, p. 762-776.
- _____; SILVA, B. Gomes Paulo da; FIGUEIREDO, Márcia Câmara Bandeira de; BETTCHER, Roberta Casteglione. Os ramais de integração do sistema de espaços livres de Vitória-ES nos municípios vizinhos. In: ARRUDA, Ana Cecília Campos et al (Org.). **Quadro dos Sistemas de Espaços Livres nas cidades brasileiras**. São Paulo: FAUUSP, 2012, p. 350-368.
- _____; FREITAS, J. F. Bernardino; CAMPOS, M. Machado; PRADO, M. Monteiro; ALMEIDA, R. Hermann de. **Cidade prospectiva**: o projeto de Saturnino de Brito para Vitória. Vitória: EDUFES; São Paulo: Annablume, 2009. 116 p.
- NOVAES, Maria Stella de. **História do Espírito Santo**. Vitória: Fundo Editorial do Espírito Santo, Vitória, 1968. 455 p.
- OLIVEIRA, José Teixeira de. **História do Estado do Espírito Santo**. 2 ed. Vitória: Fundação Cultural do Espírito Santo, 1975. 596 p.

AGRADECIMENTOS

Ao Fundo de Apoio à Ciência e Tecnologia (Facitec) da Prefeitura Municipal de Vitória pelo apoio financeiro concedido à realização desta pesquisa, cujos resultados foram apresentados neste artigo.

Artigo recebido em 9 set. 2013.

